

# A EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA COVID 19 – A RETOMADA DAS AULAS PRESENCIAIS GANHOS E PERDAS NA APRENDIZAGEM



## **POLIANE RAFAEL DA MOTA FREITAS**

Licenciada em Pedagogia, pela Faculdade Anhanguera de Osasco, no ano de 2012; Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional, pela Faculdade de Itaquá em 2016.

## **RESUMO**

Esse artigo pretende buscar informações a respeito da educação pós pandemia COVID 19. A mudança do ensino presencial para o ensino virtual na pandemia forçou a reconfiguração de alunos e professores em sala de aula. Nesse contexto, o professor assume um papel mais orientador e facilitador, pois espera-se que o aluno seja protagonista de sua própria aprendizagem. Nesse sentido, um aluno deve ser caracterizado pela autodisciplina (controle da força de vontade) e autoaprendizagem (capacidade de aprender de forma autônoma, ativa e participativa). No entanto, deve-se levar em consideração que as condições em que a transição do ensino presencial para o ensino virtual emergencial é, de certa forma, forçada e acelerada pela pandemia, o que é provável que a mudança seja cheia de incertezas e planejamento limitado. De fato, a transição da aprendizagem presencial para a aprendizagem virtual não foi valorizada positivamente pelos alunos. As condições e mudanças geraram esse descontentamento na população estudantil. Nesse sentido, a educação virtual exigia mais tempo dedicado aos alunos do que a educação presencial. Da mesma forma, o preparo insuficiente por parte dos professores, houve uma sobrecarga na utilização de ferramentas como fóruns, trabalhos de casa ou leituras, e isso causou uma maior percepção de estresse nos alunos. No nível qualitativo, os pesquisadores destacam que os alunos reconheceram menor acompanhamento dos professores na modalidade virtual. No entanto, eles também estão cientes de que essa modalidade de ensino envolve um esforço maior por parte dos professores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino Presencial; Ensino Virtual; Sobrecarga.

## **INTRODUÇÃO**

As mudanças nas relações sociais e modificações nas condições do espaço educacional, aliadas à incerteza, medo, estresse e ansiedade associados à pandemia, terão impacto na saúde

mental da população. Cabe destacar que a mudança forçada e inesperada na virtualidade levou os professores a aprender e incorporar as TICs aos processos de aprendizagem em um curto espaço de tempo. Além disso, apesar das adversidades, os docentes mantêm o desempenho e a qualidade do ensino, bem como o atendimento. Soma-se neste cenário buscar o equilíbrio entre o trabalho dos professores, a vida familiar e a implementação do teletrabalho.

E fazendo menção às experiências e vivências que devem ser oportunizadas aos alunos, existem habilidades absolutamente relevantes que dificilmente podem ser adequadamente desenvolvidas num ambiente virtual, como é o caso, por exemplo, da habilidade de falar em público ou mesmo de lidar, de forma efetiva, com divergências de opiniões, de modo a auxiliar a resolução de problemas e conflitos, fortalecendo a estabilidade emocional, a consciência, a socialização, do que resulta maior cooperação e habilidades para trabalhos em equipe. (PEREIRA e CAVALHEIRO, 2020, p. 154).

Nesse contexto, aspectos positivos e recursos muito úteis podem ser resgatados virtualmente; entretanto, não se deve enfatizar que se trata de um contexto emergencial. Existem estudos que destacam os benefícios do ensino virtual, mas foram desenvolvidos em contextos anteriores à pandemia. Portanto, é natural que a experiência dos docentes não tenha ocorrido como sugerido pela literatura anterior. Deve-se considerar que pode haver dificuldades mesmo quando a transição para a virtualidade é gradual. Além disso, muitos desses nem sempre chegam à raiz do problema. Existem experiências das quais mostram que a formação institucional para professores inclui recomendações sobre a forma (quais plataformas virtuais usar) e sobre o conteúdo (como adaptar seu conteúdo à educação virtual). Por fim, é importante destacar que, apesar das adversidades, essa etapa de mudança serviu para descobrir inúmeras ferramentas digitais e TIC que, sem dúvida, também serão úteis quando as salas de aula forem retomadas. A valorização do ensino tradicional na sala de aula física, por meio de recursos digitais, facilitará o processo de aprendizagem. Da mesma forma, é importante notar que, no contexto da pandemia, a tarefa docente é mais complexa, pois as lacunas que não têm acesso às TICs serão ampliadas e todos os alunos e professores terão as mesmas oportunidades de conectividade.

## **A PANDEMIA COVID 19 E OS RESULTADOS EDUCACIONAIS**

A pandemia do COVID-19 ameaça deteriorar ainda mais os resultados educacionais. a pandemia já teve um grande impacto na educação com o fechamento de escolas em quase todas as partes do planeta, no que representa a maior crise simultânea importante que todos os sistemas educacionais do mundo sofreram em nosso tempo.

A falta de aulas pode aumentar ainda mais os incentivos para a evasão escolar entre os jovens. Pesquisas mostram que uma grande parcela dos jovens têm pouco interesse em frequentar a escola, pois acham que o aprendizado é pouco útil para seu desempenho no mercado de trabalho. (FILHO, 2020, p. 51).

O avanço da COVID no Brasil e no mundo levou a uma mudança na rotina dos países afetados em menor e maior escala. Também gerou uma mudança na política da modalidade de ensino. O dano torna-se ainda mais grave à medida que a emergência de saúde começa a transbordar para a economia e causar uma profunda recessão global. No entanto, é possível neutralizar esses impactos e transformar a crise em oportunidade. O primeiro passo é lidar corretamente com o período em que as escolas permanecem fechadas para proteger a saúde e a segurança e fazer o que for possível

para evitar a perda de aprendizagem nos alunos por meio da educação a distância. Ao mesmo tempo, os países precisam começar a planejar reabertura das escolas. Isso significa prevenir a evasão, garantir condições escolares saudáveis e usar novas técnicas para promover recuperação da aprendizagem em áreas-chave uma vez que os alunos voltaram para a escola. À medida que o sistema escolar se estabiliza, os países eles poderão usar a inovação de retorno para “reconstruir melhor” e acelerar o aprendizado. A chave: não repita as falhas que os sistemas antes da pandemia, mas visam construir sistemas mais adequados que permitam a todos os alunos aprenderem rapidamente. O duplo impacto do fechamento de escolas e recessão global pode ter custos a longo prazo para a educação e o desenvolvimento se os governos não reagirem rapidamente para combatê-los. O fechamento de escolas levará à perda de aprendizado, aumento das taxas de evasão e aumento da desigualdade; a crise econômica, afetará as casas, agravará os danos, pois virá acompanhado por menor oferta e demanda educacional. Esses impactos, tomados em conjunto, terão um custo para longo prazo na acumulação de capital humano, perspectivas de desenvolvimento e bem-estar. Se políticas fortes não forem aplicadas, isso terá custos imediatos tanto na aprendizagem, bem como na saúde das crianças e jovens. A aprendizagem será reduzida e o abandono escolar aumentará, especialmente entre as pessoas mais desfavorecidas. Em sua maior parte, os alunos vão parar de aprender assuntos acadêmicos. A redução do aprendizado pode ser maior para crianças em idade pré-escolar, uma vez que suas famílias são menos propensas a dar prioridade à sua aprendizagem durante o encerramento das escolas. Os fechamentos de escolas afetaram aproximadamente 85% da população estudantil em todo o mundo. Altos níveis de desigualdade na aprendizagem já é uma característica em muitos sistemas de baixa e média renda e o fechamento de escolas agravou o problema. Famílias com ensino superior e com acesso a mais recursos lidaram melhor com os desafios impostos pela crise e apoiaram a educação dos filhos em casa.

## O DOCENTE NO CONTEXTO DA PANDEMIA COVID 19

A pandemia do COVID-19 desafiou o setor de Saúde Pública em todo o mundo. No setor da educação, desde o início de 2020, vários países proibiram a abertura de escolas e universidades. As atividades remotas ou de teletrabalho têm exigido dos docentes a implementação de diversas alterações ao nível das estratégias de ensino-aprendizagem e a adaptação a um contexto ao qual alunos e professores são diariamente afetados diretamente pelas repercussões da pandemia. Nesse quadro, cabe destacar que a adaptação a esse novo contexto suscitou debates sobre a saúde mental de todos os atores envolvidos.

Evidencia-se que cargas horárias de aulas excessivas remetem ao aumento de demanda no preparo destas aulas, o que se soma ao tempo dispensado para ministrá-las. Adicionalmente a esta sobrecarga, o docente precisou empregar e utilizar novas ferramentas de ensino, pelo menos a maioria, com vistas a aprimorar a prática pedagógica neste novo contexto educacional em que o professor é mediador do conhecimento, e busca ampliar suas competências e habilidades para estimular a aprendizagem e a criatividade dos estudantes” (PEDROLO et.al., 2021, p. 12).

A partir desse panorama em construção, obter informações sobre esse período contribuirá significativamente para o trabalho docente, no sentido de ampliar a compreensão do assunto e fornece ferramentas para a prevenção do adoecimento mental profissional. Embora pesquisas

reconheçam os impactos psicológicos e laborais mais imediatos sobre esses profissionais, tem-se mostrado que a discussão sobre os profissionais da educação ainda é incipiente, tendo em vista que as atividades educativas são diretamente afetadas. Desde a eclosão da pandemia, algumas medidas foram tomadas para manter as salas de aula em diferentes níveis de formação, como a antecipação das férias escolares, a flexibilização do calendário escolar e a adoção de estratégias para garantir a continuidade das salas de aula com base em estratégias síncronas e assíncronas, à chamada educação a distância ou educação não presencial. Apesar dos efeitos dessas estratégias nos processos de ensino e aprendizagem, muito pouco se sabe sobre a realidade dos professores nesse cenário. Quando se trata de prevenir a propagação de doenças infecciosas, o teletrabalho torna-se uma boa estratégia de mitigação durante as pandemias. Desta forma, evita-se a exposição dos colegas de trabalho durante o período de contágio, assim como de seus próprios alunos e outros trabalhadores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, mais do que uma resposta adaptativa a um cenário imprevisível, o teletrabalho deve ser continuamente monitorado e investigado em relação às suas possíveis repercussões para a saúde de seus trabalhadores. O teletrabalho, home office ou trabalho remoto, é comum entre trabalhos altamente qualificados, como os de ensino. Essa modalidade de trabalho foi a modalidade mais equipada principalmente pelas instituições de ensino durante a pandemia do COVID-19. Essa mudança causou uma necessidade urgente de adaptação por parte de muitos professores. Nesse contexto, o professor trabalhou durante a pandemia, realizando atividades de teletrabalho. Embora essa continuidade de trabalho em uma nova modalidade possa sugerir uma importante competência adaptativa para que as atividades de ensino-aprendizagem não sejam suspensas, as mudanças trabalhistas necessárias para garantir essa continuidade podem ser muito significativas, como demonstra este debate.

O docente está inserido na escola como agente direto e indireto na construção política e social na escola enquanto seu constituinte e, portanto, não pode ser dispensado de usufruir do seu direito a saúde, seja ela física e mental no seu ambiente de trabalho, uma vez que essa política pública visa aprimorar a qualidade de vida daqueles que constituem a escola, comprovamos que a saúde mental dos professores dentro e fora das instituições de ensino está perpassando por grandes dificuldades, sejam elas originadas por conta das altas cargas de estresse e problemas que passam diariamente (SANTOS e SANTINELLO. 2020, p. 95).

Muitos dos professores não estavam qualificados para tal transição. Esse despreparo deve ser por diversos motivos, por exemplo, o fato de todos os membros da família estarem preparados para utilizar os requisitos técnicos relacionados ao uso das tecnologias de informação e comunicação e sempre será possível manter um ambiente confortável para o teletrabalho .

Às vezes, uma carga horária maior seria necessária devido às dificuldades de adaptação do profissional ou do aluno, devido ao isolamento e distanciamento social. Além disso, estar em casa, o professor também deve lidar com vários outros fatores, como a presença de mais pessoas no mesmo espaço, essa realidade também pode ser diferente para homens e mulheres, destacando-se as assimetrias de gênero que marcam as relações familiares e o mercado de trabalho.

As diversas adaptações para o teletrabalho no contexto de ambos os profissionais da educação podem promover desgaste emocional, derivado tanto das vivências de isolamento e distanciamento social quanto da sobrecarga de trabalho pela necessidade de manter as atividades laborais sem teletrabalho. Dessa forma, essas condições podem expor os docentes a riscos que podem afetar sua saúde mental durante a pandemia, impondo a necessidade de desenvolver habilidades e

competências para poder lidar com problemas relacionados à sua saúde mental durante a pandemia.

A exposição aos riscos torna-se sistêmica, de modo que aumentam as chances de encontrar professores e sujeitos expostos ao aparecimento de sintomas psicopatológicos causados por elementos relacionados ao trabalho, como estresse e síndrome de ansiedade.

Certos fatores estressantes não afetam diretamente ou deveriam estar na saúde mental das pessoas, mas enfrentam a adaptação ao ambiente pelo mecanismo humano, que pode ser transformado ou minimizado, pois o ser humano pode revelar um escudo psíquico inestimável em seu mundo agitado cotidiano.

Dessa forma, espera-se que alguns professores se adaptem e outros desenvolvam tarefas mentais, principalmente devido à necessidade de adaptação que se impõe pela atual pandemia.

Em relação aos sintomas, a literatura científica produzida antes da pandemia é unânime em considerar a exposição dos professores aos riscos psicossociais relacionados ao trabalho realizado no ambiente escolar e como possibilidade futura para a execução do teletrabalho, ou que implique maior exposição à depressão, estresse e diminuição da saúde mental. Pesquisas apontam que existe uma relação entre condições inadequadas de trabalho dos professores e consequências biopsicossociais, como estresse, disfonia ou problemas de voz, sedentarismo e ansiedade.

No contexto da educação a distância, a literatura científica produzida antes da pandemia destacou as longas jornadas de trabalho dos professores vinculadas à educação a distância, que podem ser acompanhadas de precárias condições de trabalho. Esses docentes revelam que, apesar das altas exigências em seus ambientes de trabalho, não são reconhecidos socialmente por sua postura profissional.

## **A HORA DE REAPRENDER**

Para a maioria dos estudantes, a pandemia do COVID-19 tem sido uma tragédia multidimensional. Com as escolas desatualizadas, muitas crianças perderam o acesso a um ambiente relativamente seguro, porque a deterioração das condições econômicas em casa levou ao aumento do estresse e da violência doméstica. Para as 350 mil crianças mais pobres do mundo, sair da escola também significava perder a principal refeição do dia. Devido à enorme exclusão digital, a maioria dos países experimentou diferentes formas de educação a distância com plataformas que combinam métodos online com televisão, rádio e distribuição de materiais didáticos. Mais do que o aplicativo, o algoritmo ou o programa de televisão podem substituir o professor no processo de aprendizagem ou a interação entre os alunos no desenvolvimento das habilidades sociais. As oportunidades de aprendizagem oferecidas pela escola para crianças de baixa renda podem ser uma das poucas opções para sair da pobreza. À medida que as escolas datam, as sociedades também datam alguns canais de mobilidade social.

Mais do que nunca, as escolas estão perdendo o aprendizado básico:

há evidências crescentes de dois efeitos associados à ansiedade, depressão e sérios danos à saúde mental e ao bem-estar das crianças.

Há dois elementos que devem estar no centro da tomada de decisão de reabertura das escolas: os riscos à saúde associados à abertura de escolas versus os custos em termos de trajetórias educacionais e aprendizado para mantê-las atualizadas.

Uma primeira preocupação relacionada com a reabertura das escolas é o risco potencial para a saúde das crianças. Uma segunda preocupação são os riscos para a saúde dos professores e funcionários da escola. Uma terceira preocupação é que diz respeito ao papel que as crianças e as escolas podem desempenhar na disseminação do vírus para outras instalações que não as escolares. As evidências existentes mostram que as taxas de transmissão do vírus por crianças, entre elas e para adultos, são significativamente menores do que as taxas de transmissão entre adultos, de modo que as escolas não parecem ser tão superdisseminantes quanto se temia anteriormente. Um quarto argumento contra a reabertura das escolas é que as crianças podem rastrear o vírus até suas casas e colocar os adultos mais velhos em risco do que aqueles que vivem lá.

Muitas informações também foram geradas sobre a perda de aprendizagens causada pela falta de salas de aula presenciais. Os primeiros modelos teóricos e simulações sugerem perdas significativas, principalmente entre os alunos de menor renda.

A perda de aprendizagens ocorre alguns meses após as datas das aulas, mesmo em países desenvolvidos, onde a maioria dos alunos tem acesso a um dispositivo com conexão à Internet.

Apesar do aprendizado, mesmo nos países ricos, não deve surpreender quem acompanha o debate do efeito da informática na educação. Apesar de grandes avanços, não há tecnologia que possa igualar a capacidade dos professores de gerar aprendizagem entre os alunos.

A tecnologia da informação é apenas um complemento, não um substituto, ao processo de ensino convencional, especialmente entre os alunos da educação infantil e do ensino fundamental. Torna mais clara a importância dos professores e o reconhecimento de que a educação e o processo de aprendizagem são essencialmente o resultado da interação humana.

Uma pandemia destacou a importância de construir sistemas educacionais resilientes, preparados para a próxima pandemia e interrupções no aprendizado causadas por desastres naturais - como terremotos, inundações, monções - ou conflitos. Deve-se datar a lacuna digital e fornecer conectividade às famílias pobres. Mais continuidade de aprendizagem quando as escolas são datadas exigem a presença de um adulto, pai, tutor ou agente comunitário para auxiliar o aluno durante o processo de aprendizagem. A reconstrução de dois sistemas educativos exigirá ou investimento em proporcionar aos alunos desfavorecidos as condições mínimas para aprender em casa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar das consequências avassaladoras da pandemia, esta crise global também foi um momento extraordinário para o aprendizado. Estamos aprendendo como os sistemas educacionais,

os formuladores de políticas, os professores, os alunos e as famílias podem ser adaptáveis e resilientes.

Dois fatores cruciais mudaram devido à pandemia. Em primeiro lugar, as adaptações pedagógicas têm se mostrado essenciais, uma vez que os modelos tradicionais de ensino presencial não são transferidos para um ambiente de ensino a distância. Independentemente do tipo de canal usado (rádio, televisão, celular, plataformas online etc.), os professores devem adaptar suas práticas e ser criativos para manter os alunos envolvidos e captar sua atenção, já que cada casa se tornou uma sala de aula - a maioria o tempo sem um ambiente que apoie a aprendizagem. Alguns países estão apoiando professores nesse sentido.

Em segundo lugar, a pandemia recalibrou a maneira como os professores dividem seu tempo entre o ensino, o envolvimento com os alunos e as tarefas administrativas.

Portanto percebe-se que a educação teve sérias mudanças com a pandemia COVID 19, docentes e alunos tiveram que trabalhar com desafios em atividades remotas, fazendo com que mudassem a forma de ensinar e aprender.

## REFERÊNCIAS

PEDROLO. E, SANTANA. L. L, ZIESEMER. N. B.S, CARVALHO. T. P, RAMOS. T. H, HAEFFNER. R. **Impacto da pandemia de COVID-19 na qualidade de vida e no estresse de docentes de uma instituição federal 2021**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsdv10i4.14298>. Acesso 7 jul. 2022.

SANTOS, V.L.; SANTINELLO, J. (2020). **A educação híbrida como proposta na formação do docente: análise referencial**. EDUCA-Revista Multidisciplinar em Educação, 7(17), 801-815. Disponível em: <https://doi.org/10.26568/23592087.2020.4367>. Acesso 03 ago. 2022.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2020**. São Paulo, SP: Moderna, 2017. E-book.

VEJA. **As medidas que cada estado está adotando para combater a covid19**. Agência Brasil. Brasília, 28 mar. 2020.